

20/4/83

33

Meu caro Milton, extremamente interessantes tuas reflexoes de 13/4 sobre o livro de Cambridge com urubu, e, implicitamente, sobre tua "Pesquisa Tecnologica". Os fracassos das "grandes" obras, que voce atribui em parte a ma fe dos programadores, me parecem a mim mais ligados ao termo "grande". A cultura tecnica universal que voce esta questionando, e que tem ligacao estreita com o contexto economico, e a cultura do gigantismo, "the bigger the better". Pois e tal cultura que a meu ver esta fracassando atualmente. A passagem penosa para a cultura pos-industrial e tao dificil precisamente por implicar o abandono dos grandes projetos em favor de mini-programas. Atualmente as duas culturas se co-implicam, (haja visto a tua "troca" de projetos hidroeletricos gigantescos por irrigacao chinesa, a qual suponho ser miniaturizada). A grandeza esta fracassando, porque menospreza a dimensao humana, a qual, no entanto, se afirma sempre. As hidroeletricas, usinas atomicas, auto-estradas, HLM, desprezam o "uomo qualunque" ao qual sao pretensamente destinados, mas tal homenzinho acaba desprezando as grandes obras. A obra colossal que barra o grande deus pardo Tocantins resulta na recepcao do programa TV de publicidade para sabonete. Este, a meu ver, o fracasso das grandes obras e torna evidente a ligacao com a economia. Mas abandonar a grandeza, como se torna necessario atualmente, implica abandonar todo um conjunto de valores. Temos paralelo historico para um tal abandono: a origem do cristianismo. Quando a grandeza romana foi abandonada em prol da salvacao da alminha. Cu a celebre anedota com Arquimedes, o qual, quando acusado de traicao ao grandioso projeto romano teria respondido que nada adianta aumentar o orbis terrarum, ja que a relacao entre circunferencia e diametro de circulo e constante, nao importa o tamanho. Por certo: e dificil imaginar o mundo miniaturizado do futuro, tal mundo composto de grupos pequenos que consomem o que produzem, mas estao ligados entre si por canais informativos, mas receio que o modelo de tal mundo nao esta nas comunidades alternativas que habitam as serras e os vales da Europa e dos Estados Unidos, e que o verdadeiro modelo esta surgindo no Japao, (descrito pelo Micha), e na China nascente. Que dizes?

Estou contente de ler que o pensamento do Vicente continua sendo discutido, e que seja pelo grupo do Crippa, (entendi direito?). Creio que Vicente teria concordado com o que escrevi acima. Finalmente nao fomos para Espanha, (controle de cambio) mas para a Dordogne, aonde entramos na caverna Pech-Merle. Essa nossa patria a todos nos contem, entre outras coisas, dois ponies desenhados com contornos pretos naturalistas, cujos corpos tem a cor da parede, mas estao manchados de azul. Pois as manchas extravasam os contornos e envolvem os ponies em nuvem de "cavallidade". Em torno dos ponies ha 10 impressoes de palmas em negativos, (as maos de apoiaram contra manchas vermelhas), e no chao ha tracos de pes de crianca de 11 anos. Datam de 15.000 a.C. Procuo intuir o que se passou la, (as imagens nao eram para ser vistas). Se contempo os ponies, os nossos problemas atuais me parecem de ridicula efemeridade.

Voce esta calando a publicacao de "Pos-historia" em Duas Cidades. E tambem os recentes acontecimentos paulistas. Por favor, complete. Quanto ao tema "barter", ja disse o que penso. Nao apenas os fascistas, tambem Robinson Crusoe recorreu a este "sistema economico", mas via-se forçado a recorrer a conchas, mesmo sem os centros capitalistas o terem forçado a faze-lo. Abracos, e saudades.